

# OLÁ, REDAÇÃO, MUITO PRAZER

Eduardo de Castro Gomes<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo é um complemento do texto [“Os mitos e os ritos por trás das letras”](#), no qual foi discutido o ensino da gramática e da redação. Trata do assunto “escrever”, tendo como objeto de estudo a motivação para a prática da escrita. Como referencial teórico, este texto estabelece um “diálogo” entre Luis Carlos Cagliari<sup>2</sup> e Maria Augusta Rossini<sup>3</sup>, entre outros.

**Palavras-chave:** aprendizagem, escrita, motivação.

## Introdução

Quando temos na cabeça um assunto, em toda parte topamos com referências a ele. E é isso mesmo: escrever é uma obsessão, paixão. É ter um título, problema-tema-hipótese, e viver com ele essa paixão amorosa o dia todo. Dorme-se com ele [...]. Acordamos com ele [...]. Gostaríamos, talvez, de ter um tempão só para escrever. Não adianta, não o temos e se o tivéssemos duvido que escrevêssemos melhor [...]  
[...] Há gente que não começa alegando precisar de tempo. [...] Falta tempo ou falta paixão?

Mário Osório Marques, 2001, p. 15

Este texto emotivo de Marques levou à conclusão de que este artigo surgiu de um paradoxo: a falta de motivação para escrever. A vivência em sala de aula nos ensinos médio e superior mostrou ao autor deste que o exercício da escrita, para a maioria dos alunos, não se constitui apenas em problemas de ortografia, gramática e conhecimento dos temas propostos. Falta motivação, ou paixão no aluno, pelo ato de escrever. Também falta aos professores a descoberta disso, para que conheçam alternativas na busca de melhores resultados nos testes de redação.

---

<sup>1</sup> Professor da área de comunicação e linguagens midiáticas do Centro de Educação a Distância da Universidade Federal do Amazonas, graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mestre em Educação (Ufam).

<sup>2</sup> Professor na área de linguística, com especialidade em fonética. É professor-adjunto no Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara e livre-docente e professor titular pela UNICAMP. Foi professor de Fonética e de Fonologia do Departamento de Linguística do IEL/Unicamp. É mestre em Linguística pela Unicamp, doutor pela Universidade de Edimburgo e pós-doutor na Universidade de Oxford.

<sup>3</sup> Pedagoga, especialista em administração escolar em Ensino Fundamental e Ensino Médio; Pós-Graduada em Administração, Supervisão e Orientação Educacional; Professora de cursos de Pós-Graduação em Pedagogia e Psicopedagogia.

## **Olá, redação, muito prazer**

Cagliari (1995) afirma que além da exigência do conhecimento das regras da norma culta para a boa redação, deve ser exercido um estímulo sobre o indivíduo para uma boa resposta refletida em um texto bem finalizado. Como que imprimindo em maiúsculas um grito de alerta no livro “Alfabetização e Linguística”, Cagliari enfatiza: “NINGUÉM ESCREVE OU LÊ SEM MOTIVO, SEM MOTIVAÇÃO” (1995, p. 101, sic).

Como em nosso caso a motivação tem muito a ver com a psicopedagogia, recorreremos a Rossini (2003), para discutir o tema. Segundo a autora, a motivação alcança o ser humano conforme sua necessidade e satisfação: “precisamos lembrar que é da natureza humana procurar o que lhe proporciona prazer e fugir do que lhe causa desprazer. Satisfazer uma necessidade causa um profundo prazer” (ROSSINI, 2003, p. 16). Esta citação ganha reforço em Cevoli (1997, apud FERNANDES; SOUZA, 2007, p. 300) ao afirmar que quando não há uma necessidade de satisfazer algo a motivação dificilmente se projeta. Completando este pensamento, Fernandes e Souza afirmam que

[...] o termo motivação está relacionado a um conjunto de fatores que determinam o desenvolvimento do ser humano. Esses fatores estão relacionados ao sucesso ou fracasso do indivíduo. Se o professor não tem em mente o que e por que ensina, provavelmente, esse desconhecimento pode produzir dificuldades no desenvolvimento de seu trabalho. As coisas dificilmente se desenvolvem se não estivermos motivados para executá-las, sem que tenhamos motivos, necessidades em jogo (2007, p. 300).

Ora, o estudante, antes de sê-lo, é humano. E tudo o que o ser humano faz obrigado causa-lhe desconforto em vez de estímulo. Acrescente-se a essa situação o fato de a sala de aula comportar um coletivo de humanos a serem estimulados a escrever, sendo que essa coletividade é composta por individualidades. Assim, nos deparamos com a complexa realidade de que em um espaço tão pequeno como uma sala de aula há um grupo de pessoas se sentindo obrigadas a escrever e com diversas formas de resposta à motivação, coisa que utopicamente deveria levar o professor a buscar o estímulo certo para cada aluno se empenhar na escrita. Mas, isso é um trabalho para o qual poucos professores estão preparados.

Então, como incutir nos alunos a motivação certa para cada indivíduo, sem que isso implique em se desdobrar para satisfazer uma série de desejos individuais? Isto seria impraticável, até mesmo porque esses desejos, a realidade do aluno, muitas vezes passam ao largo de muitos temas propostos para redação. Rossini afirma que a realidade sugerida na sala de aula não condiz com a vivência do estudante: “Exemplos não faltam: aquelas aulas de redação, onde o aluno tem que descrever “uma pescaria”, sendo que nunca participou desta atividade, ou, ainda, escrever cartas sem destino” (2003, p. 8). São temas que muitas vezes nada representam para o aluno, a não ser uma obrigatoriedade.

E, ainda, existe uma realidade mais complexa, a do aluno simplesmente não estar nem um pouco interessado em ser um bom redator. É importante registrar que:

Devemos tomar cuidado quando pretendemos trabalhar com a motivação das pessoas: ninguém consegue motivar ninguém se ele não quiser. Isto porque os motivos são específicos a cada ser humano. O que precisamos fazer é orientar nossos alunos e filhos para que aprendam a traçar objetivos adequados e eficazes para conseguirem atingir um grau de motivação que leve à realização de algo desejado (ROSSINI, 2003, p. 40-1).

A citação elucida que o aluno pode muito bem não querer ser motivado a escrever. Sobre isso, observa ainda Rossini que “qualquer atividade educacional antes de ser proposta ao aluno deve ser avaliada com base na seguinte pergunta: é do interesse dele?” (2003, p. 14).

Note-se, também, que o indivíduo escreve por condição *sine qua non* durante toda a vida escolar, para cumprir uma norma da disciplina, ser avaliado e obter uma nota. Raramente se propõe a ele uma conscientização sobre o porque de uma dedicação ao aperfeiçoamento da escrita tendo em vista, por exemplo, o futuro profissional, nem se discute uma motivação para isso, até que ele mesmo descubra essa necessidade somente ao constatar, diante de uma prova de redação de vestibular ou do Enem, que os seus onze anos<sup>4</sup> de escola não foram vividos produtivamente.

---

<sup>4</sup> Tempo suficiente, na opinião de Reginaldo Pinto de Carvalho, para os alunos concludentes do ensino médio apresentarem um resultado satisfatório na expressão escrita. Ao responder se nos moldes atuais do Enem, a redação permite avaliar as habilidades do aluno nas variadas formas de registro escrito da língua portuguesa, o consultor do Enem afirma: “com um mínimo de onze anos de escolaridade, ao término do ensino básico, espera-

## O que interessa ao aluno?

Cagliari é enfático: [...] a escola é talvez o único lugar onde se escreve sem motivo. Certas atividades da escola representam um puro exercício de escrever. Na alfabetização, isso pode trazer sérios problemas para certos alunos (1995, p. 101). Dissecando-se a primeira frase da afirmativa, nota-se que o autor não diz que a escola talvez seja “um”, mas “o” único lugar onde se escreve sem motivo. Mas, em que outro lugar ou situação uma criança em período de alfabetização escreveria com motivos? Talvez em casa, para mostrar aos pais o que aprendeu na escola, ou seja, o que aprendeu com os “puros exercícios de escrever”.

Já um adolescente pode ter motivos diversos para escrever fora da sala de aula, e o faz com estímulo, até por inspirações comuns a essa faixa etária. Um diário, uma carta, bilhetes, conversas em chats, são feitos para satisfazer necessidades do ser humano: a socialização, a comunicação e aceitação entre os seus iguais. Estes seriam pontos interessantes a serem explorados pelo professor, a fim de transformar um motivo aparentemente forçado em um estímulo produtivo para o aluno. Uma boa experiência em sala de aula seria considerar essas necessidades como temas para redação, onde o estudante pudesse expressar não apenas o que lhe é proposto como cumprimento de dever, mas suas impressões sobre si e sobre seu meio.

Os “sérios problemas” mencionados por Cagliari comprometem várias situações não apenas enquanto o indivíduo está sendo alfabetizado, mas, principalmente, quando se exige dele mais do que a resposta de exercícios. Se o único objetivo do aluno em fase de conclusão do ensino médio é escrever apenas para cumprir uma exigência da disciplina de língua portuguesa, sem se aplicar à leitura, ao estudo da gramática e a exercícios de redação, está correndo o risco de uma reprovação em provas de admissão em cursos superiores. Considerando-se que o mercado de trabalho é cada vez mais exigente de pessoas com pós-graduação no seu quadro profissional, e em muitos casos, com no mínimo um mestrado, essa negligência no ensino médio fatalmente causará uma subvalorização da própria condição profissional do estudante.

De fato, a vivência em sala de aula tem demonstrado que o principal objetivo que leva o estudante a se empenhar em uma boa expressão escrita é

---

se que o participante esteja capacitado para ler e escrever, dominando a norma culta da língua escrita” (2ª pergunta da entrevista “Tem uma redação no meio do caminho”, [www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br)).

apenas uma nota e uma aprovação na escola. Nada que satisfaça exatamente uma necessidade prazerosa, ou que esteja relacionada à sua preparação para o mercado de trabalho, por exemplo. Além disso, pode ocorrer de muitos se acomodarem com o fato de que bons escritores em sala de aula podem não ser tão bem sucedidos em sua vida profissional, ao passo que muitos alunos considerados mal sucedidos em sala de aula, que não consigam se expressar por escrito tenham uma carreira profissional de sucesso, exatamente porque sua profissão não exija tanto a redação. Ou seja, além da aprovação para a série seguinte como objetivo, o professor deve saber argumentar e sustentar o argumento sobre a necessidade do aluno se dedicar a uma aprendizagem da redação.

O professor deve ser um artesão no relacionamento com o aluno para saber como trabalhar a renovação da motivação, pois, segundo Rossini, “é preciso que, a cada dia, estejamos motivados para aprender, para acompanhar as mudanças, vencer o comodismo, ler, estudar, melhorar (2003, p. 43). Quanto aos jovens, Rossini faz uma observação sobre o estímulo que pode valer como ponto de partida para sempre se renovar a motivação:

Como educadores devemos, portanto, orientar e estimular (e não motivar) um jovem a ter um bom desempenho escolar, por exemplo, como forma de conseguir bons resultados e ser promovido para a série seguinte. Esta situação vai satisfazer seus *motivos* relacionados à sua auto-estima, ou à sua aceitação pelo grupo de amigos. Já imaginaram se somente ele no grupo não consegue ir para a série seguinte? (ROSSINI, 2003, p. 41).

Então, o professor tem pelo menos dois elementos a explorar como motivação para o aluno: a auto-estima deste e a convivência em seu grupo. Teoricamente, se o professor conseguir com que estes elementos sejam trabalhados nos textos dos alunos como um meio de externarem anseios e satisfações, haverá mais chances de se extrair dos estudantes um texto com um propósito além do de cumprir um exercício, pois, ao ser motivado, “[...] o ser humano se orienta para um objetivo, um meta a ser atingida, uma necessidade a ser satisfeita” (ROSSINI apud FERNADES; SOUZA, 2007, p. 300).

E não apenas o aluno deve se sentir estimulado. O professor deve saber que ele também tem um desejo a ser satisfeito, o de ver seus alunos tendo o rendimento esperado. É praticamente inconcebível um professor se sentir motivado

com uma turma que não corresponde continuamente às suas expectativas. Sendo assim, conforme Fernandes e Souza,

[...] é importante que os objetivos dos professores harmonizem-se com os dos alunos, para que ambos cheguem ao mesmo resultado que é a aprendizagem [...].

O professor não pode satisfazer todas as suas necessidades, por isso precisa saber priorizar as mais importantes e buscar realizá-las satisfatoriamente de acordo com seus motivos de satisfação (2007, p. 300).

Uma das reflexões sobre esta citação é o fato de que o professor tem uma necessidade, a aprendizagem, como objetivo comum a ele e ao aluno, e que deve ser priorizada. E isso não deve ser entendido somente por quem atua no ensino secundarista. Se se pretende que o estudante por, no mínimo, onze anos, pratique o exercício da escrita, a motivação para a aprendizagem necessariamente deve ser renovada ao longo desse período, pois, cada nível de ensino tem sua faixa etária correspondente, e suas motivações correspondentes. O professor dos primeiros anos da vida escolar de um estudante já deveria estar ciente disso, e se empenhar por saber fazer com que seus alunos descubram os melhores atrativos, leia-se motivos, para que se esmerem na redação.

Cagliari (1995) sugere que o ensino da escrita inicie com a investigação das expectativas do estudante: “Antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser sua utilidade e, a partir daí, programar as atividades adequadamente” (CAGLIARI, 1995, P. 101). Talvez sendo visto como um meio de expressar seus pensamentos, e não como uma tarefa, o exercício da redação seja mais bem recebido e correspondido pelo aluno. No entanto, raríssimos professores buscam saber como estimular seus alunos a fazer quaisquer exercícios, sejam de redação ou de outra área.

E a escola ainda concorre com uma avalanche de atrativos oferecidos pela mídia, pela tecnologia e por diversas atividades mais dinâmicas e divertidas. Por isso, a motivação na sala de aula e para realizar deveres de casas é mais do que recurso, é essencial. Os atrativos midiáticos ou tecnológicos não são discutidos aqui, mas não se pode negar a concorrência destes com as tarefas escolares, nem o fato de a criança e o adolescente se estimularem mais com o que lhes dá prazer e diversão do que com responsabilidades, pois estas são recebidas pelo aluno como

uma obrigação, até mesmo inconscientemente concebidas como algo que está tomando o lugar de algo mais proveitoso ou de alguma diversão.

Por tudo disso, o professor deve entender que o processo da aprendizagem da escrita tem por objetivo não apenas o saber dominar as regras gramaticais, o aprender normas de sistematização para uma construção de textos. Envolve o querer escrever, o interesse pessoal, a apreensão do mundo pelo aluno, desde o período da alfabetização. E não se pode afirmar quando a aprendizagem termina.

## Referências

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. 8. Ed. São Paulo: Scipione, 1995.

FERNANDES, Amanda Zandarin; SOUZA, Jefferson Adriano de. Motivação no exercício profissional: motivos para ensinar e aprender língua estrangeira no ensino fundamental da rede pública. In: **Anais - XV EPLE - Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras do Paraná Línguas: culturas, diversidade, integração**. Curitiba: Lastro, 2008. p. 295-318. Disponível em: [http://www.apliepar.com.br/site/anais\\_eple2007/artigos/27\\_JeffersonASouza\\_AmandaZFernandes.pdf](http://www.apliepar.com.br/site/anais_eple2007/artigos/27_JeffersonASouza_AmandaZFernandes.pdf). Acesso em 18 jun. de 2010.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 4. Ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.